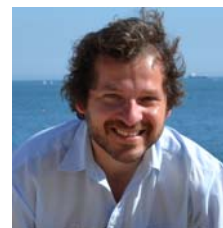


Em Madrid com Robert Stolorow



David Figueirôa¹

No passado dia 30 de Junho, o psicanalista norte-americano Robert Stolorow realizou, na *Ágora Relacional* em Madrid, uma conferência sobre *Psicanálise e Intersubjectividade* a que seis membros da APPSI - Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica tiveram o privilégio de assistir². Esta é uma crónica dessa conferência.

Stolorow é um dos nomes maiores da psicanálise contemporânea e, em particular, da corrente relacional. É doutorado em psicologia clínica (Harvard) e em filosofia (Califórnia), é membro fundador do *Institute of Contemporary Psychoanalysis*, em Los Angeles, e também do *Institute for the Psychoanalytic Study of Subjectivity*, em Nova Iorque. Desenvolveu, com George Atwood, Donna Orange e Bernard Brandchaft, entre outros, a teoria intersubjectiva em psicanálise, um dos eixos do modelo relacional, que desvela a natureza intersubjectiva radical da relação analítica, onde se encontram *dois sujeitos*: “*A psicanálise procura clarificar os fenómenos que emergem dentro de um campo psicológico específico constituído por duas subjectividades – a do paciente e a do analista*”. A citação é de uma das obras fundadoras da teoria intersubjectiva, *Structures of Subjectivity*, de 1984 (p.64), onde é introduzido o termo *campo intersubjectivo* sobre a relação analítica, na sequência de *Faces in a Cloud*, um conjunto de estudos psicobiográficos que mostram a influência da personalidade e subjectividade dos autores na produção de teorias psicanalíticas (Freud, Jung, Reich e Rank), e que concluíra já pela necessidade de uma teoria sobre a subjectividade em psicanálise (1979). Seguir-se-iam as obras *Psychoanalytic Treatment* (1987) e *Contexts of Being* (1992), onde dimensões clínicas e teóricas da psicanálise clássica são revistas à luz da intersubjectividade, *Working Intersubjectively* (1997), onde emerge uma dimensão filosófica que modela a teoria como uma fenomenologia contextualista, desenvolvida depois em *Worlds of Experience* (2002a), com a sua proposta de psicanálise pós-cartesiana, liberta de dicotomias falaciosas (*res cogitans-res extensa*, mente-mundo, sujeito-objecto) que influenciaram a *mente isolada* na teoria e na

¹ Psicoterapeuta psicanalítico, membro associado da APPSI – Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica, membro da IARPP – International Association for Relational Psychoanalysis and Psychotherapy, membro efectivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

² Para além do autor desta crónica, Ana Guedes, Gonçalo Neves, Maria José Marinho, Nuno Azevedo e Silva e Patrícia Atalaya, inspirados viajantes portugueses por terras de Espanha e da psicanálise relacional.

prática analítica ortodoxa. Já em *Working Intersubjectively*, o mito da neutralidade do analista e a concepção da psicanálise enquanto *técnica* eram radicalmente desconstruídos, em favor do analista, inexorável e desejavelmente, participante numa relação mutuamente constitutiva, embora assimétrica no papel e na responsabilidade de cada interveniente, e de uma psicanálise mais próxima de uma *prática*, no sentido aristotélico de *phronesis* - que é da ordem do saber sobre a *prática humana*, orientado para a relação humana, para o particular, para o questionar e o descobrir, para a compreensão. Mais próxima, então, de uma *sensibilidade*, que molda uma *atitude empático-introspectiva*, herança directa da psicologia do self, de onde, aliás, provém Stolorow. Admirador e amigo de Heinz Kohut até à sua morte em 1981, dele divergiu, no entanto, em aspectos importantes, como a teoria das falhas ou defeitos na constituição do self, dificuldades que Stolorow atribui à organização interna face à experiência emocional com os cuidadores.

A teoria intersubjectiva é uma teoria *fenomenológica* ao investigar e clarificar as organizações particulares ou os *mundos de experiência emocional* de cada sujeito e uma teoria *contextualista* quando considera que essas organizações da experiência emocional tomam forma, quer no desenvolvimento de vida quer na situação analítica, em contextos relacionais e intersubjectivos *constitutivos*. Da experiência relacional, onde a importância do afecto se sobrepõe à da pulsão, emergem padrões subjectivos, fundados em crenças ou conclusões emocionais da experiência, que os autores designam por *princípios organizadores* da experiência, intimamente ligados ao *sentido do self*. A clínica será, então, a criação mútua de um campo intersubjectivo, para explorar as dimensões inconscientes - os princípios organizadores - flexibilizando-os na relação e tornando-os acessíveis à reflexão, integrando a experiência e dando-lhe sentido. Trabalho conjunto, assente numa mútua disponibilidade emocional e envolvendo uma dinâmica transferencial e contratransferencial, conceitos no entanto amplificados a toda a extensão do campo analítico.

As duas últimas obras referidas acima (1997, 2002a) desenvolvem, ainda, a fenomenologia dos estados psicóticos, aprofundando dimensões teóricas e clínicas sobre estados de *self em perda* (*self loss*) e vivências de aniquilação pessoal, dando corpo à abordagem fenomenológica.

Mais recentes, as obras *Trauma and Human Existence* (2007) e *World, Affectivity, Trauma* (2011a), desenvolvem uma teoria sobre o trauma psicológico, articulando vivências autobiográficas de Stolorow com reflexões psicanalíticas e filosóficas, aplicando e expandindo a teoria intersubjectiva e o modelo fenomenológico-contextualista em psicanálise. O aprofundamento do seu interesse pela filosofia, em especial, por uma *filosofia sobre a prática psicanalítica* leva-o mesmo, hoje, a afirmar que *“a psicanálise não é nem um ramo da medicina nem da psicologia; é filosofia aplicada”* (2012: p.23).

A conferência de Robert Stolorow em Madrid apresentou as linhas gerais e as origens históricas da teoria intersubjectiva e enfatizou a crítica cartesiana, afirmando que *“a psicanálise freudiana expandiu a mente cartesiana, «a coisa pensante» de Descartes (1641), incluindo um vasto território inconsciente. No entanto, a mente freudiana permaneceu uma mente cartesiana, um sujeito afastado do mundo e uma mente que contém e elabora*

conteúdos mentais, radicalmente separada da sua envolvente (...) Uma mente isolada, o analista, faz observações e produz interpretações objectivas sobre outra mente isolada, o paciente” (2012: p.2). A perspectiva fenomenológica e contextualista “reunifica a mente isolada cartesiana e o seu mundo, o seu contexto (...) insistindo em que a compreensão analítica faz-se sempre a partir de uma perspectiva modelada pelos princípios organizadores do analista. Consequentemente, não existe um analista objectivo ou neutral, nem percepções imaculadas, nem a visão do olho de Deus sobre nenhuma pessoa ou coisa.” (2012: p.2). Um dos conceitos-chave desta teoria é o da falibilidade. O analista não é neutral nem infalível, mesmo (sobretudo) quando o postula sobre si próprio. Reconhecer e clarificar a sua própria subjectividade e a sua falibilidade - e a sua influência sobre a relação analítica - será, doravante, um valor acrescentado para a compreensão da relação e do processo analítico.

Ilustrando esta realidade, Stolorow recorda uma investigação realizada com Bernard Brandchaft, em 1980, sobre o fenómeno *borderline*, que apurou que *“quando um paciente muito vulnerável, com organização arcaica, é tratado de acordo com as ideias teóricas e recomendações técnicas de Otto Kernberg (1975), em pouco tempo apresentará as características da organização de personalidade borderline descritas por Kernberg, e as páginas dos livros de Kernberg ganham vida perante o olhar do clínico. Por outro lado, quando o paciente é tratado segundo a teoria e técnica de Heinz Kohut (1971), depressa mostrará as características que Kohut atribui à desordem de personalidade narcísica e os livros de Kohut ganham vida” (2012: p.6).*

Desafiando René Descartes, Stolorow encontra em Martin Heidegger (1927) um aliado e um constructo filosófico onde ancora a sua fenomenologia contextualista e pós-cartesiana, simbolizada nos conceitos de *Dasein* (grosseiramente, *ser-no-mundo*, ser este que é uma unidade primordial e constante entre o ser e o mundo, contextualizando-se e significando-se mutuamente) e *Befindlichkeit* (grosseiramente, *qualidade de como se encontra a si próprio*, isto é, um sentido do self na situação em que se sente) de Heidegger. Stolorow considera que este conceito capta a dimensão básica da existência humana, inscrevendo-a num campo fundamental de afectividade. A afectividade, reconhecida na teoria intersubjectiva como a *experiência emocional subjectiva* é um pólo central da teoria, sendo co-constituída desde o nascimento no seio de sistemas relacionais em movimento, em oposição frontal à perspectiva pulsional (2012, p.8-9).

A centralidade da afectividade na teoria intersubjectiva foi, não por acaso, introduzida por um artigo escrito por Robert Stolorow com a sua mulher Daphne Socarides Stolorow, em 1984-85, que ainda procurava integrar a perspectiva intersubjectiva emergente com a psicologia do self kohutiana, projectando o afecto para o centro da organização da experiência do self, evidenciando a necessidade de uma responsividade emocional sintonizada aos estados afectivos do sujeito, em todas as fases do seu ciclo de vida (2012, p.10).

As últimas duas décadas e as suas mais recentes obras desenvolvem a dimensão filosófica da sua obra e aprofundam uma fenomenologia do trauma psicológico (2007, 2011a). Uma revelação autobiográfica ajuda-nos a compreender o interesse de Stolorow pelo trauma. Como identificara noutros psicanalistas (1979), também o seu próprio contexto e subjectividade determinaram a direcção dos seus interesses e obra. Isso mesmo no-lo disse em Madrid e se encontra reflectido num magnífico texto autobiográfico em que encadeia os contextos pessoais e relacionais e o desenvolvimento da sua obra (2002b). Ouçamo-lo, então, na

primeira pessoa: *“Daphne Socarides Stolorow morreu em 23 de Fevereiro de 1991, quatro semanas depois de lhe ser diagnosticado um cancro. Durante o verão seguinte, na esteira dessa perda devastadora, George Atwood e eu perfilámos o nosso livro Contexts of Being... Como dissemos no prefácio: «Aproximámo-nos um do outro e decidimos tentar criar algo que fosse duradouro a partir das cinzas da perda e da aflição»”*. Mas será apenas mais tarde que a Stolorow será possível olhar directamente para o trauma, já depois de conhecer Julia Schwartz, e a seu lado: *“Julia acendeu uma vela na obscuridade da minha aflição e, em 1994, contraímos matrimónio. A reflexão sobre os seis anos posteriores ao falecimento de Dede [Daphne], sobre o meu profundo sentimento de estranheza e isolamento, sentimento que era uma característica central da minha experiência sobre uma perda traumática, levou-me a uma compreensão mais profunda sobre o trauma psíquico que pensei que podia ser útil para os demais e decidi escrever sobre isso. Discuti este assunto com Julia, dizendo-lhe que tinha que escrever autobiograficamente sobre a minha experiência. Só fui capaz de escrever esse artigo graças ao seu apoio e alento constante”* (2002b) e *“...no artigo [1999], cheguei à conclusão que o trauma psicológico é fundamentalmente a fragmentação dos «absolutismos subjacentes à vida quotidiana»”* - no sentido da ruptura do que é como é e como será sempre. Dirá, mais tarde, a propósito, que *“o trauma quebra de forma devastadora a unidade ordinária e a linearidade da temporalidade – as experiências de trauma emocional convertem-se em imagens congeladas num presente eterno”* (2011b).

Stolorow refere-se a uma perda catastrófica da inocência que deixa a descoberto a *insuportável imbricação do ser*, a inescapável contingência da existência num universo que é arbitrário e imprevisível e em que não se pode assegurar nenhuma segurança nem continuidade (2002b). Como resultado, afirma ele, a pessoa traumatizada experiencia uma *incomensurabilidade* com os demais, *“um profundo precipício onde ganha forma um angustiado sentido de singularidade e solidão”*, mundos experienciais cujo conhecimento desenvolveu nos últimos anos. Na conferência de Madrid, regressando à experiência traumática da perda da sua mulher, em 1991, diz que a reviveu terrivelmente numa conferência em 1992 quando, num momento de excitação, ao lhe ser mostrado pela primeira vez o seu livro acabado de publicar e de ali chegar, olha para o lado à procura da mulher e à procura da excitação dela com o seu novo livro... () ... *“Senti-me [então] como um ser estranho e alienado – não deste mundo. Os outros pareciam-me tão cheios de vitalidade, relacionando-se entre si de forma animada. Eu, em contraste, sentia-me amortecido e partido, uma sombra do homem que tinha sido. Um abismo intransponível pareceu abrir-se, separando-me para sempre dos meus amigos e colegas. Eles não poderiam sequer esboçar uma compreensão mínima da minha experiência, pensei para mim próprio, porque agora vivemos em mundos totalmente diferentes”* (2012, p.20, citando 2007, p.13-14).

Na conferência de Madrid, Stolorow desenvolve a dimensão intersubjectiva da experiência traumática, inscrevendo-a na relação. A experiência traumática não resulta tanto da *intensidade* do trauma como da ausência de um *lugar relacional* onde o trauma possa ser vivido e elaborado: *“A dor não é patológica. É a ausência de uma resposta sintónica adequada às emoções dolorosas da criança que as torna duradouras e uma fonte de estados traumáticos e de psicopatologia”* (2012, p.12). O autor esclarece que esta conceptualização abarca quer os acontecimentos dramáticos circunscritos no tempo, quer os mais subtis *traumas cumulativos* descritos por Masud Khan (1963). Uma das consequências da experiência traumática, nesta perspectiva, é a da formação de significados auto-referenciados persistentes e devastadores para o sujeito, como a convicção de defeitos repulsivos e de uma maldade interna inerente, originando um self ideal defensivo. Pode, então, ocorrer uma severa constrição e

estreitamento dos horizontes da experiência emocional, excluindo-se o que quer que surja como inaceitável, intolerável ou demasiado ameaçador no contexto intersubjectivo. Inversamente, *“a experiência emocional da criança articular-se-á progressivamente mediante uma sintonia validadora, no envolvimento relacional”* (2012, p.14), com expansão dos horizontes emocionais.

Isto não significa, contudo, uma atitude terapêutica centrada exclusivamente no afecto ou na procura de uma empatia emocional *per si*. Stolorow refere-se à importância da desconstrução da dicotomia entre cognição e afecto em psicanálise, em particular entre o papel do *insight* cognitivo e o do envolvimento afectivo no processo terapêutico, dicotomia também ela descendente do dualismo filosófico cartesiano: *“Cognição e afecto, pensamento e sentimento, interpretação e relação apenas são separáveis na patologia”* (2012, p.16). Com efeito, *“o impacto terapêutico de interpretações analíticas reside não apenas nos insights que proporcionam mas também na extensão com que reflectem a sintonia do analista com a vida afectiva do paciente”* (2012, p.17).

Stolorow estabelece, ainda, uma inscrição existencial do trauma: *“O trauma emocional é constituído sobre uma constituição básica da existência humana. Em virtude da nossa finitude e da de todos aqueles com quem estamos profundamente ligados, a possibilidade do trauma emocional está sempre presente”* (2012, p.20). Já o afirmara num outro texto recente (2011b), onde, apoiando-se em Nietzsche e na sua teoria do *eterno retorno* (1882) e reflectindo sobre a *nulidade e a falta de fundamento da nossa existência* expressa pelo filósofo alemão, conclui que *“o eterno retorno do trauma emocional está assegurado pela finitude da nossa existência”* e *“a autêntica temporalidade, na medida em que reconhece a finitude humana, é uma temporalidade traumática”*. A recuperação de um trauma será, então, um paradoxo, uma vez que a finitude humana com o seu impacto traumatizante não é uma doença de que nos possamos curar. A *recuperação* é um nome equivocado para o desenvolvimento de um *mundo emocional expandido* que não deixará de coexistir com o *mundo da ausência* destruído pelo trauma: *“O mundo expandido e o mundo ausente podem ficar mais ou menos integrados, dependendo do grau de insuportabilidade da dor mental provocado pela devastação traumática, e de ter sido integrada ou permanecido dissociada – o que depende, por sua vez, dessa dor ter encontrado um lugar relacional que a acolhesse”* (2011b). Stolorow termina esse artigo, afirmando que, *“no entanto, e em contraste com a visão zaratustriana de Nietzsche, defendo que o que está destruído e a obscuridade podem ser suportados durante muito tempo, não em isolamento, mas em contextos relacionais de profunda sintonia emocional e mútuo entendimento”*. Não haverá, portanto, uma recuperação ou uma cura da vivência traumática, esta inexoravelmente inscrita na experiência humana, mas sim a possibilidade de tolerar os seus efeitos e de os contrabalançar através da relação humana empática e da expansão do *mundo de experiência* de cada um de nós.

Voltando a Madrid, Stolorow questiona-se sobre a atitude terapêutica que pode acolher a experiência traumática, no sentido da sua progressiva integração: *“O que é que faz com que seja possível encontrar um tal lugar relacional?”* (2012, p.21). Se a finitude e a vulnerabilidade humanas à morte e à perda são fundamentos da nossa constituição existencial, também é constitutivo da nossa existência o encontro com outros com quem nos sentimos profundamente ligados pela condição comum de finitude. *“Assim, apesar da possibilidade do trauma emocional estar sempre presente, também o está a possibilidade de criar laços de profunda sintonia emocional onde a devastadora dor emocional possa ser suportada, tornada mais tolerável e, desejavelmente, mais integrada. O nosso parentesco-na-mesma-obscuridade*

existencial é a condição que abre a possibilidade à contextualização do trauma emocional e ao poder transformador da compreensão humana” (2012, p.22). Stolorow esclarece então que não se refere a nenhum tipo de suavização do trauma ou reconforto do outro perante a sua experiência dolorosa, o que teria apenas o efeito contraproducente de afastar a experiência traumática do campo relacional. Estar com o outro na obscuridade implicará, então, um encontro interior conosco próprios e um encontro emocional com o outro, não ao nível das defesas ou da palavra que se diz compreensiva, mas da verdade emocional e da palavra autêntica - ou do silêncio partilhado - que se faça sentir no lugar da obscuridade e da ausência de palavras.

Stolorow conclui a sua conferência afirmando que *“captar esse parentesco-na-finitude em nós mesmos acrescenta uma implicação ética, que nos motiva e mesmo obriga a sintonizar com a vulnerabilidade e a dor existencial de outros e a oferecer-lhes um lugar relacional”*. Imagina, então, uma nova sociedade na qual *“a obrigação de proporcionar uma casa relacional à dor inerente ao impacto traumático da nossa finitude se torne um princípio ético partilhado. Nessa sociedade, os seres humanos seriam melhor capazes de viver com a sua vulnerabilidade existencial e com a sua ansiedade e aflição, em vez de se reverterem a evasões defensivas e destrutivas tão características da história humana. Nesse contexto social, uma nova forma de identidade seria possível, baseada numa assunção da nossa própria vulnerabilidade existencial, mais do que de tapá-la. (...) Uma nova forma de solidariedade humana seria também possível, enraizada não na partilha de ideologias destrutivas mas na partilha do reconhecimento e respeito pela nossa finitude humana comum. Se pudermos ajudar-nos mutuamente a suportar a escuridão, mais do que a evadirmo-nos dela, talvez um dia sejamos capazes de ver a luz”* (2012, p.22). Os nossos consultórios podem ser um bom lugar.

Três psicanalistas e psicoterapeuta prepararam e apresentaram textos de comentário à conferência de Stolorow. Não nos podemos estender aqui, mas ficam breves referências: o psicanalista Ramón Riera, num texto designado por *“Hacia Una Mayor Aceptación de La Vulnerabilidad Humana”* fez uma expressiva e tocante homenagem a Stolorow e à importância e vitalidade da sua teoria, inscrevendo-a no desenvolvimento progressivo da cultura e da psicanálise no sentido da subjectividade e do conhecimento sobre as suas complexidades. O psicanalista Joan Cordech (que havia já inaugurado, na véspera, as jornadas com Robert Stolorow com uma interessante conferência sobre *“Identidad, Contexto y Mentalización”*, uma perspectiva contextual do desenvolvimento do sentimento de identidade), na sua *“Respuesta a Robert Stolorow”* reflectiu sobre a sua própria mudança como psicanalista, em boa parte pela leitura da obra de Stolorow, e salientou a interacção entre o microcontexto analítico e o grande contexto mundial no qual quer analista quer paciente estão imersos. Citou o filósofo Emmanuel Levinas, para o qual *“o coração da ética reside na relação de infinita responsabilidade para com o outro”*, que o próprio Cordech designa como *“o outro sagrado”*, no sentido antropológico do termo. E acrescentou: *“É evidente que a análise não pode por si só modificar a sociedade, mesmo que se proponha como uma terapêutica social, mas pode contribuir com algo”*, perspectivando então a psicanálise, quer na sua dimensão terapêutica, quer como teoria geral da mente, como um veículo *“para uma possível dignificação do ser humano, com vista a uma sociedade mais justa e pacífica”* e conclui: *“Com o bom uso dos símbolos e o outro como sagrado, caminharemos no sentido do homo frater que deseja Robert Stolorow”*. Finalmente, o psicoterapeuta Carlos Sutil apresentou *“Un Comentario a Robert Stolorow”*, no qual recuperou a reflexão sobre a natureza intersubjectiva da relação analítica e a crítica à mente isolada cartesiana e freudiana, desenvolveu a afinidade filosófica da

perspectiva contextualista com Martin Heidegger e propôs, com propriedade, que se lhe juntasse Ludwig Wittgenstein (1917).

Depois do debate e do almoço sob o céu azul de Madrid, os trabalhos retomaram com a apresentação de dois casos clínicos comentados por Stolorow. Naturalmente, não os mencionaremos aqui, importa apenas transmitir o essencial sobre a atitude de Stolorow enquanto *supervisor*. O foco da sua atenção sobre os casos incidiu sobre os aspectos transferenciais e contratransferenciais na relação, ou, mais apropriadamente, sobre o significado e possíveis implicações na relação dos movimentos subjectivos do paciente e do analista, cujos conteúdos manifestos reflectem os respectivos princípios organizadores da experiência, inconscientes. A abordagem de Stolorow tem como referência dois tipos fundamentais de transferência: a *transferência evolutiva*, que se orienta para novas modalidades de organização da experiência e de relação (a nova relação); e a *transferência repetitiva*, quando o paciente espera, teme ou vivencia uma repetição de traumas evolutivos e se engaja na organização defensiva (a relação antiga). O analista, com a sua própria subjectividade, desenvolve ligações *conjuntivas* ou *disjuntivas* com a subjectividade do paciente, cada uma potenciando movimentos evolutivos ou de impasse no campo intersubjectivo. O olhar de Stolorow foca-se, então, nesta alternância, em figura-fundo, entre as dimensões evolutiva e repetitiva do paciente, do analista e da relação analítica.

Stolorow diz-nos que será, sobretudo, nos momentos de impasse terapêutico que é mais importante apurar a perspectiva sobre a relação intersubjectiva global e sobre cada uma das pessoas que a compõem, em influência recíproca e constituição mútua. Daqui resultará que, com este conhecimento *à relação e ao momento*, o analista poderá então modelar a sua atitude, seja no sentido da receptividade contentora, do movimento interpretativo ou da *auto-revelação* sintónica, que possa melhor ajustar-se à necessidade de cada paciente e da situação analítica.

Robert Stolorow, ou Bob, como prefere ser chamado pessoalmente, fechou a conferência... a cantar! Um tema recente de Bob Dylan, uma canção de que não me recordo senão do carácter profundo e existencial da letra, e, como o mundo não é perfeito, das sucessivas interrupções da interpretação simultânea para castelhano. Mas não me esquecerei da poderosa voz interior deste homem já ancião, que se projecta para o outro e para o mundo com enorme criatividade, saber e afectividade, acrescentando valor à já de si riquíssima história da psicanálise e ao nosso conhecimento sobre o ser humano e sobre a relação humana.

Uma última nota sobre o contexto envolvente. Fui, com os meus companheiros de viagem, recebido pelos colegas espanhóis com afecto e prazer, em particular pelo presidente e fundador do Instituto de Psicoterapia Relacional e director clínico da Ágora Relacional Alejandro Ávila Espada, que nos manifestou também a disponibilidade e o interesse em estreitar colaborações com a APPSI. Ali logo decidimos realizar uma entrevista luso-espanhola a Robert Stolorow, que contamos dispor em breve.

O clima humano que encontrámos em Madrid é similar ao que já sentíramos em Sevilha, em Abril (13 e 14), no Encontro com Jessica Benjamin, outra referência da psicanálise relacional. E tem grande afinidade com aquele que encontramos quotidianamente em Portugal, na APPSI: um clima de abertura, de estudo, de prazer pelo saber, de descontração e informalidade, de dedicação e seriedade, de liberdade para pensar e gosto pela diferença, de estímulo no

confronto de ideias, da capacidade de aceitar o erro e a conflitualidade e de os fazer construtivos, da valorização da liberdade e da responsabilidade pessoal e terapêutica de cada um de nós - do candidato de primeiro ano ao presidente, Frederico Pereira. Em suma, um contexto afectiva e intelectualmente estimulante e exigente, desafiante e inspirador, numa construção mutuamente constitutiva, como prefigura Stolorow. Que se faz com tudo isto em mente, com as pessoas e mais o tempo: como disse recentemente num seminário de formação, o psicanalista Manuel Matos, sobre a relação analítica: “*Se quero avançar depressa, é melhor ir devagar*”.

Penso, evocando a origem das teorias intersubjectivas e a demonstração da importância e influência da subjectividade do autor para a construção da teoria, feita na obra embrionária de 1979, em como também a teoria, se investida, influencia o clima humano e os *princípios organizadores* da experiência e das relações dos que nela se revêm.

Nota: as citações feitas no texto são tradução nossa.

Principais obras de Robert Stolorow (ordem cronológica):

Stolorow, R., Atwood, G., 1979, *Faces in a Cloud: Subjectivity in Personality Theory*. Northvale, NJ: Jason Aronson.

Atwood, G., Stolorow, R., 1984, *Structures of Subjectivity: Explorations in Psychoanalytic Phenomenology*, Hillsdale, NJ: Analytic Press.

Stolorow, R., Brandchaft, B., Atwood, G., 1987, *Psychoanalytic Treatment: An Intersubjective Approach*, Hillsdale, NJ: Analytic Press.

Stolorow, R., Atwood, G., 1992, *Contexts of Being: The Intersubjective Foundations of Psychological Life*, Hillsdale, NJ: Analytic Press.

Orange, D., Atwood, G., Stolorow, R., 1997, *Working Intersubjectively: Contextualism in Psychoanalytic Practice*, Hillsdale, NJ: Analytic Press. [Existe uma recente edição em castelhano, 2012, nº 6 da colecção “Pensamiento Relacional”, Instituto de Psicoterapia Relacional e IARPP España]

Stolorow, R., Atwood, G., Orange, D., 2002a, *Worlds of Experience: Interweaving Philosophical and Clinical Dimensions in Psychoanalysis*, New York: Basic Books.

Stolorow, R., 2007, *Trauma and Human Existence: Autobiographical, Psychoanalytic, and Philosophical Reflections*, New York: Routledge.

Stolorow, R., 2011a, *World, Affectivity, Trauma: Heidegger and Post-Cartesian Psychoanalysis*, New York: Routledge.

Outros textos consultados:

Stolorow, R., 2002b, *Reflexiones Autobiográficas sobre la Historia Intersubjectiva de una Perspectiva Intersubjectiva en Psicoanálisis* (apresentando na conferência de abertura das jornadas “Lo Intersubjectivo y sus Mediadores”, Almagro, 8 de Novembro de 2002),

<http://www.psicoterapiarelacional.es/Documentaci%C3%B3n/Debatesreuniones/Almagro2002/Conferenciadeapertura/tabid/121/Default.aspx>, Ágora Relacional.

Stolorow, R., 2011b, Portkeys, Eternal Recurrence, and the Phenomenology of Traumatic Temporality, *International Journal of Psychoanalytic Self Psychology*, vol. 6, number 3, pp. 433-436 (4), Routledge.

Stolorow, R., 2011-12, Feeling, Relating, Existing: On Emotion and the Human Dimension, *Psychology Today*, www.psychologytoday.com/blog/feeling-relating-existing, Sussex Publishers.

Stolorow, R., 2012, *From Mind to World, From Drive to Affectivity: A Phenomenological-Contextualist Psychoanalytic Perspective*, *Ágora Relacional* (policopiado) [Texto da conferência realizada em Madrid a 30 de Junho de 2012, correspondendo a um texto publicado em 2011 em *Attachment: New Directions in Psychotherapy and Relational Psychoanalysis*, vol 5, p.1-14]



David, Maria José, Patrícia, Bob, Ana, Gonçalo e Alejandro



Os viajantes: Ana, Maria José, David, Patrícia, Gonçalo e Nuno Abrasador